

A Dor e a Vida

Um curioso leitor do «Jornal de Notícias», deseja saber como poderia eu explicar-lhe o problema da dor. Tem visto muita gente sofrer, visita os hospitais, comove-se quando vê uma criança chorar por ter caído, magoado um joelho, aberto uma ferida na cabeça. E não sabe porquê, mas tem dentro de si uma enorme tentação de considerar todo este sofrimento como incompreensível.

O problema da dor é inseparável do problema da vida. A natureza toda ela se desentranha em vida, toda ela está organizada para a vida. Os modernos e avançadíssimos estudos da ciência biológica, desde os seres microscópicos até ao homem, vêm demonstrando superabundantemente que todos os organismos vivos têm orientada a sua existência para a doação, perpetuidade e exaltação da vida. Cada ser vivo luta continuamente pela vida, num combate de todas as horas, de todos os minutos, pela vitória final. Descendo ao organismo humano que é afinal o que interessa ao nosso leitor, cada uma das células de que é composto o nosso corpo funciona dia e noite como prodigioso laboratório de produtos químicos sem horário de trabalho nem descanso semanal, para manter a vida, a beleza, a saúde do nosso organismo e para o defender dos inúmeros inimigos que a todos os momentos esperitam a hora do ataque ou se encontram empenhados já em franca batalha contra a sua existência.

A natureza a tudo acode e parece mesmo tudo prever. Se aparece um arma nova na perpétua batalha, com rapidez incrível, se forjam armadas apropriadas de defesa, suficientes a maioria das vezes, por si sós, para inutilizar o ataque. O corpo, quando morre, cai sempre gloriosamente, porque lutou até final, até ao completo esgotamento das suas imensas forças combativas. E a morte não é nunca uma derrota. O ser vivo que tomou, por via de regra, comunicara já a vida a novos seres, de tal forma que a vida continuou noutros, cada vez mais numerosos, cada vez mais adestrados para a grande luta entre a vida e a morte.

Este, em traços largos, o mistério da vida. A dor que é senão um maravilhoso aspecto deste mistério da vida, uma guarda avançada do grande e prodigioso exército da luta comum pela vitória da vida?

Poderíamos também considerar a dor como a desperta e habilíssima sentinela da fortaleza da vida. A dor adverte-nos rapidissimamente de todos os perigos que nos ameaçam, sobretudo daqueles que surgem inesperadamente, ou que se tornariam fatais se não fossemos a tempo advertidos.

Se a criança não sentisse dor ao aproximar um dedo da chama, tomaria as precauções necessárias para que não morresse queimada? Os joelhos feridos numa queda, a cabeça dorida num choque, as pequenas e grandes dores que a atormentam são outros tantos «alertas», outras tantas advertências de que é preciso arripiar caminho, tomar precauções, não repetir as mesmas façanhas. É a vida a defender-se, instintivamente, contra as inadvertências, as aventuras, os desmandos, os perigos desconhecidos. Se a criança não pudesse sentir a dor, quase certo se mataria com as imprudências que cometia.

A dor continua a ser, pela existência fora, a vigilante sentinela da vida. Um ataque de micróbios, de bactérias, poderia passar despercebido, e tornar-se ameaçador e mortal, se a dor não advertisse, não gritasse o alerta, localizando o próprio sítio do ataque, às vezes um pequenino rasgão na pele.

Quando um desarranjo se produz no funcionamento de qualquer órgão, de algum tecido, de um grupo de células, seríamos advertidos a tempo, poderíamos acudir, tentar remediar o acidente, se não existisse a dor? Como poderiam os médicos diagnosticar as doenças se a dor não desse o alerta, não localizasse o mal, não chamasse continuamente a atenção para o perigo que ameaça a vida?

As próprias dores que sabemos existir nos outros são para nós generosa advertência. Um automóvel que derrapou, uma caldeira que rebentou, uma espingarda que se desfechou, a correia de máquina que decepcionou um braço ou rasgou um corpo, forçam todos os outros a tomar as devidas precauções para que não lhes aconteça o mesmo. Os desastres de viação, os acidentes de trabalho, os envenenamentos acidentais, embora ocasionem a perda de vidas, são afinal ainda grandes defensores da vida, pelas precauções a que obrigam, a fim de se evitar a generalização do perigo e a sua continuação no futuro. Se não fosse a dor, existiria ainda vida animal sobre a terra?

O frio, o calor, a falta de alimentação levaram os homens a trabalhos prodigiosos de defesa da vida. Se não sentíssemos, por exemplo, a dor

reservados

do frio, não morreríamos todos de frio, ou, pelo menos, não comprometeríamos gravemente a existência por falta de agasalhos que mantivessem o calor do organismo e a sua resistência às doenças?

Poderíamos continuar o raciocínio sem parar nunca. As próprias dores morais são um «alerta» de maravilha. Nem a ciência, nem a arte, nem a beleza, nem o simples trabalho criador existiriam sequer se não existisse a dor.

A dor é a grande e a melhor defensora da vida. A sua grande aliada. A sua generosa companheira e amiga.

Cantando as maravilhas da Vida, não esqueçamos de cantar também as benemerências da Dor.

Quem maldiz a dor, ingratamente se esquece de que lhe deve certamente a vida.

Unamos, portanto, nos mesmos acordes de louvor, o nosso hino à Vida e a nossa gratidão à Dor.

ABEL VARZIM.